

---

## A Geografia Humana como estudo da civilização

Um balanço da obra de Ellsworth Huntington

*Human Geography as a study of civilization: an overview of Ellsworth Huntington's work*

*La Géographie Humaine comme étude de la civilisation : un bilan du travail d'Ellsworth Huntington*

*La Geografía Humana como estudio de la civilización: un balance de la obra de Ellsworth Huntington*

**Fernando José Coscioni**

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/terrabilis/6801>

DOI: 10.4000/terrabilis.6801

ISSN: 2316-7793

### Editora:

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

### Refêrencia eletrónica

Fernando José Coscioni, «A Geografia Humana como estudo da civilização», *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 14 | 2020, posto online no dia 31 dezembro 2020, consultado o 18 março 2021. URL: <http://journals.openedition.org/terrabilis/6801> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabilis.6801>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 18 março 2021.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

---

# A Geografia Humana como estudo da civilização

Um balanço da obra de Ellsworth Huntington

*Human Geography as a study of civilization: an overview of Ellsworth Huntington's work*

*La Géographie Humaine comme étude de la civilisation : un bilan du travail d'Ellsworth Huntington*

*La Geografía Humana como estudio de la civilización: un balance de la obra de Ellsworth Huntington*

**Fernando José Coscioni**

---

## NOTA DO AUTOR

Este artigo é fruto da nossa pesquisa de doutorado, que recebeu apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP processo 2016/18128-1) em cooperação com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES).

## Introdução

- 1 Ellsworth Huntington (1876-1947) é um dos principais responsáveis pela expansão da Geografia Humana nos EUA nas primeiras décadas do século XX. O geógrafo publicou, durante toda a primeira metade do século passado, uma série de obras que buscavam enfrentar a questão da formalização epistemológica do objeto de estudo da disciplina e, ao mesmo tempo, discutir questões mais amplas de filosofia da história a partir do ponto de vista das relações homem-ambiente. Dentre essas obras, merecem destaque: *The Pulse of Asia* (1907), *Civilization and Climate* (1915/1924), *World Power and Evolution* (1919), *The Character of Races* (1924) e *Mainsprings of Civilization* (1945).

- 2 A característica fundamental de toda a obra de Huntington é a busca – com base em estudos de largo escopo que envolvem sínteses entre aspectos biológicos, ambientais e culturais – da elaboração de uma teoria do processo civilizatório a partir do ponto de vista disciplinar da Geografia. O esforço intelectual do autor insere-se na especificidade das condições institucionais e epistemológicas que caracterizaram o processo de expansão acadêmica da Geografia estadunidense. Neste artigo, ofereceremos um breve panorama da situação da disciplina nos EUA no início do século XX, discutiremos aspectos biobibliográficos da trajetória de Huntington e, por fim, comentaremos algumas das principais questões teóricas ensejadas por sua obra.
- 3 O esforço empreendido no artigo insere-se nas abordagens contextualistas da historiografia disciplinar, que caracterizam algumas das pesquisas de maior fôlego realizadas a partir da década de 1980 (Capel, 1981; Berdoulay, 2003 [1981], Livingstone, 2008 [1992]), além de apoiar-se no pressuposto de que a História da Geografia é uma subdisciplina metodologicamente subordinada à História Intelectual, que consiste, entre outras coisas, no estudo da historicidade das condições sociais de produção das ideias em um determinado campo intelectual.<sup>1</sup>

## A Geografia acadêmica nos EUA entre as décadas de 1890 e 1920

- 4 Até o final do século XIX, o conhecimento geográfico produzido nos EUA estava atrelado à produção de informações sobre o oeste do país nos chamados *field surveys* (Martin, 2005: 330), às sociedades geográficas amadoras (Schulten, 2001: 69) e ao trabalho de figuras acadêmicas isoladas como Louis Agassiz, Arnold Guyot, Nathaniel Southgate Shaler e Daniel Coit Gilman.
- 5 A institucionalização acadêmica da disciplina só começaria a ganhar algum ímpeto a partir da última década do século XIX. Fundamental nesse processo foi a atuação de W. M. Davis (1850-1934), um geólogo de formação que se tornaria professor de Geografia Física em Harvard entre 1885 e 1912 (Martin, 2005: 341). Além de ficar conhecido como geomorfólogo por sua teoria do “Ciclo da Erosão”, o erudito foi importante para a elaboração dos primeiros esforços teóricos que buscavam distinguir a Geografia da Geologia (Schulten, 2001: 75) ao enfatizar a importância do elemento humano para a disciplina. Davis também foi diretamente responsável pela criação da *Association of American Geographers* (AAG), no ano de 1904, instituição que, ao abrigar fundamentalmente geógrafos acadêmicos, representou um marco na profissionalização disciplinar ao romper com o amadorismo das sociedades geográficas.
- 6 A criação da AAG foi acompanhada, durante os primeiros anos do século, pelo surgimento de cursos de Geografia em importantes instituições acadêmicas, como são os casos das universidades de Harvard, de Yale, da Pennsylvania, de Chicago e da Califórnia. É importante ressaltar, no entanto, que o fato de serem oferecidos cursos de Geografia não implicava, em muitos casos, na existência de departamentos especificamente dedicados à Geografia. Segundo o levantamento feito por Ray Whitbeck, enquanto, no ano de 1900, apenas 12 universidades estadunidenses ofereciam cursos de Geografia, no ano de 1910, esse número cresceu para 32 instituições, que ofereciam um total de 142 cursos (Whitbeck, 1919: 129).

- 7 O primeiro departamento de Geografia a abrigar a disciplina de forma autônoma a existir no país foi o da Universidade de Chicago, criado em 1903, em consequência dos esforços de Rollin Salisbury (1858-1922) que, assim como Davis, era um geólogo de formação. A emergência de uma problemática de pesquisa voltada para um enfoque ambiental no estudo dos problemas humanos – que seria fortalecida, posteriormente, pelas passagens de importantes professores com interesses de pesquisa antropocêntricos focados na Geografia Econômica no departamento, como são os casos de Charles Colby, Harlan Barrows, Walter S. Tower e J. Paul Goode – foi decisiva para o surgimento da Geografia nessa instituição (Pattison, 1981).
- 8 Além da atuação pioneira desses geógrafos em Chicago, a expansão da Geografia Humana na academia estadunidense ficou evidenciada, nesse período, pelo surgimento, antes da Primeira Guerra Mundial, das pesquisas de Herbert Gregory em Yale, e de Emory Johnson e J. Russell Smith na *Wharton School* da Universidade da Pennsylvania (Martin, 2005: 340). Concomitantemente a esse incremento na presença institucional da disciplina nas universidades do país, surgiam, no período, as primeiras tentativas mais sistemáticas de discussões epistemológicas que buscavam delimitar o objeto de estudo da Geografia, dentre as quais vale destacar a monumental obra *Influences of Geographic Environment*, publicada por Ellen Semple (1863-1932) em 1911, e uma série de discursos presidenciais oferecidos à AAG, como os de Albert Perry Brigham (1915), Nevin Fenneman (1919), Charles Dryer (1920) e Harlan Barrows (1923).
- 9 A difusão da Geografia nas universidades estadunidenses seria reforçada, após esse primeiro período, entre a década de 1890 e a Primeira Guerra Mundial, pelo avanço da disciplina em outras instituições a partir da década de 1920, dentre as quais vale destacar: a Universidade de Clark, cujo departamento de Geografia, que foi chefiado por Wallace W. Atwood e começou a funcionar em 1921, se tornaria um dos principais centros de formação de doutores do país a partir de então; a Universidade de Michigan, que criou um departamento para a Geografia em 1923; a Universidade de Minnesota, onde a Geografia se estabeleceu em 1925; e, por fim, a Universidade de Wisconsin, instituição que transformou, em 1921, o seu departamento de Geologia em um departamento de “Geologia e Geografia” (Martin, 2015).
- 10 É nesse contexto específico, no qual emerge a primeira geração de geógrafos acadêmicos do país – dentre os quais vale destacar, além da já citada Ellen Semple, autores de grande peso para a formação da Geografia Humana estadunidense, como Isaiah Bowman (1878-1950) e Mark Jefferson (1863-1949) –, que surge a obra de Ellsworth Huntington. No plano interno ao campo científico, o período das primeiras décadas do século XX é marcado, nos EUA, pela intensificação da divisão do trabalho intelectual e pela tentativa de profissionalização de campos disciplinares específicos nas universidades do país. A Geografia estadunidense precisava acelerar a sua institucionalização acadêmica, pois o seu desenvolvimento, quando comparado ao das matrizes europeias mais consolidadas, especialmente alemãs e francesas, ainda era considerado incipiente por boa parte dos autores que protagonizaram o nascimento do pensamento geográfico universitário no país. No período entre a Guerra Hispano-Americana (1898) e a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a criação de novas universidades e a reforma das grandes instituições já existentes (Cravens, 1988: 10) proporcionou uma significativa expansão dos quadros dedicados à pesquisa científica nas instituições acadêmicas dos EUA.

- 11 No plano externo ao campo científico, entre as décadas de 1890 e 1920, o país passava por um intenso processo de urbanização e industrialização, consolidava a ocupação de enormes áreas no oeste de seu território e, concluía, assim, a conquista da *fronteira interna*. Além disso, o país experimentava uma crescente tensão racial decorrente das migrações internas e da chegada de imigrantes do sul e do leste europeu, e se projetava, já antes do conflito mundial deflagrado em 1914, como uma importante potência econômica e militar que mudaria a balança de poder entre os Estados-Nação do Velho Continente que caracterizou a “Era dos Impérios”.<sup>2</sup> O conhecimento geográfico, além de ter um incremento institucional decorrente do fortalecimento das humanidades e ciências na universidade estadunidense, foi favorecido, nesse período, pelo surgimento de demandas externas à academia associadas à expansão do ensino primário e secundário e às questões geopolíticas nas quais os EUA se envolveram no início do século XX.<sup>3</sup>

## Trajетória institucional e aspectos biobibliográficos da obra de Huntington

- 12 Huntington nasceu em Galesburg, Illinois, no ano de 1876. O geógrafo frequentou escolas no Maine e em Massachusetts até se graduar pelo *Beloit College*, em Wisconsin, onde estudou entre 1893 e 1897 (Visher, 1948: 39). Os cursos que compuseram sua grade nessa instituição cobriam temas variados e constituíam um currículo interdisciplinar. Em 1897, após se formar, Huntington foi convidado para ser assistente do presidente do *Euphrates College*, uma instituição de ensino localizada na cidade de Harpoot, no leste da Turquia, que havia sido criada pela *American Board of Comissions for Foreign Missions*, um conselho de missionários cristãos que estabeleceu escolas de formação nesse país no final do século XIX. Foi no período em que esteve no *Euphrates*, entre 1898 e 1901, que Huntington lecionou pela primeira vez Geologia e Geografia (Martin, 1973: 7-16).
- 13 Em 1901, quando ainda estava em Harpoot, Huntington ficou sabendo, através de cartas, que havia conseguido uma vaga para estudar em Harvard com uma bolsa que cobriria os anos acadêmicos de 1901 e 1902. Foi ali que seu contato mais sistemático com o ensino acadêmico de Geologia e Geografia Física se deu. Durante esse período, Huntington teve contato direto com W. M. Davis e Nathaniel Southgate Shaler, duas figuras bastante importantes para a consolidação da Geografia acadêmica nos EUA. Enquanto esteve em Harvard, Huntington frequentou cursos de Geologia, Mineralogia e Paleontologia para obter um *Master of Arts Degree* junto ao departamento de Geologia (Martin, 1973: 27-30).
- 14 Nessa fase de sua trajetória acadêmica, o autor ainda produziu vários artigos derivados das observações feitas no período em que passou no Oriente Médio, dentre os quais se destacam dois artigos sobre o rio Eufrates. A cultura de explorações e viagens geográficas, historicamente vinculada ao amadorismo das sociedades geográficas que antecederam as associações acadêmicas de geógrafos profissionalizados, teve um papel importante na recepção inicial dos artigos de Huntington. Isso evidencia a fragilidade institucional que a Geografia ainda tinha nesse período.
- 15 Em 1903, logo após passar esse primeiro período em Harvard, o geógrafo partiu para outra expedição asiática, dessa vez para conhecer partes da Ásia Central. Huntington participou dessa expedição graças às suas relações já bastante estreitas com W. M.

Davis. As observações que o autor fez nessa viagem foram importantes para fortalecer seu interesse no estudo da relação entre processos históricos e condições geográficas, com especial ênfase no clima. Huntington retornou aos EUA em 1904, e, em 1905, fez uma nova viagem para a Ásia da qual extrairia informações que se tornariam a base de *The Pulse of Asia*, sua primeira grande obra, publicada em 1907 (Martin, 1973: 33-47). Davis manteve correspondência pessoal com Huntington no período da viagem e publicou alguns excertos dessas cartas no *Bulletin* da *Royal Geographical Society*. A expedição também rendeu a publicação de vários artigos.<sup>4</sup>

- 16 Em *The Pulse of Asia*, Huntington se vale de sua experiência de campo, especialmente nas vastas áreas de clima árido da Ásia Central, para ilustrar a tese de que os elementos geográficos, sobretudo o clima, seriam a base do processo histórico. Além disso, o autor afirma a identidade da Geografia como uma disciplina específica que, ao mesmo tempo em que teria um objeto próprio, estaria, através da adesão aos princípios do evolucionismo, integrada às outras disciplinas que buscam explicar a realidade do homem:

As ciências antropológicas também estão vinculadas pelo princípio unificador da evolução. Geografia, antropologia, história e sociologia formam um grupo antropológico que possui uma unidade tão grande quanto aquela das ciências biológicas, embora isso tenha sido percebido apenas há poucos anos. O homem médio pensa na geografia, a mais velha de todas as ciências, como um estudo de mapas e descrições empíricas de lugares e povos de garotos de escola. Ele se esquece de que os líderes do pensamento geográfico foram muito além disso e estão começando a ver que a sua ciência não lida apenas com a distribuição das formas orgânicas e inorgânicas no espaço, mas com a relação, tanto direta quanto indireta, do grupo completo de formas orgânicas habitando qualquer parte da superfície terrestre com as formas inorgânicas na mesma região. A geografia, de acordo com a nova visão, nos conta não apenas quais formas de plantas e animais vivem juntas em dependência mútua, mas também porque os habitantes humanos de uma dada região possuem certos hábitos, ocupações e características mentais e morais, e porque eles adotaram certa forma de organização social. (Huntington, 1907: 1-2)

- 17 A escolha da Ásia Central não foi ocasional. Em virtude do rigor da aridez climática dessa enorme área, Huntington a entendia como uma espécie de laboratório para comprovar a sua inclinação teórica à ênfase no peso dos elementos físicos na história. A temática das supostas relações existentes entre o ambiente físico e o “caráter dos povos”, que é recorrente em toda a obra de Huntington, aparece já na sua primeira obra.
- 18 Em 1906, ao retornar aos EUA após o fim da expedição que resultaria na publicação de *The Pulse of Asia*, Huntington passou a procurar uma colocação na universidade. Em carta datada desse ano, Davis expressou preocupação com a necessidade de colocação profissional de Huntington em seu retorno.<sup>5</sup> Diante dessa situação, o professor de Harvard procurou alguns acadêmicos de seu círculo de relações em busca de uma vaga para Huntington e entrou em contato com Herbert Gregory, chefe do departamento de Geologia da Universidade de Yale. Gregory precisava de um geógrafo para ministrar um curso sobre Ásia em Yale e, por isso, ofereceu um posto de instrutor para Huntington. O geógrafo aceitou, porém, ficou bastante descontente porque a posição de instrutor lhe permitiria obter apenas um salário modesto. Huntington começou a trabalhar em Yale em 1907 e manteve ligações com essa instituição até 1947, ano de sua morte (Martin, 1973: 70-73).

- 19 Foi por essa universidade que Huntington obteve o seu doutorado, no ano de 1909. No entanto, ao chegar a New Haven em 1907, o autor se deparou com uma instituição que, embora extremamente prestigiosa, não possuía um departamento específico de Geografia. Os geógrafos que ali trabalhavam formavam uma parte minoritária do departamento de Geologia. Gregory foi o principal responsável pela existência de um esforço geográfico no departamento de Geologia de Yale no início do século XX. Quando ele abandonou o comando do departamento devido a questões de saúde, em 1909, e o transferiu para o paleontólogo e geólogo Charles Schuchert, a Geografia começaria, então, a perder força na instituição. Huntington passava o período da primavera e verão afastado da universidade para realizar trabalhos de campo e só dava aulas durante um período específico do ano. Essa prioridade à realização de trabalhos de campo, a partir dos quais o geógrafo escrevia artigos e livros, acabou colocando o estudo e a pesquisa na frente do ensino e tornou a consolidação de Huntington como um professor em Yale bastante problemática (Martin, 1973: 71-75).
- 20 Durante o primeiro período em Yale, entre 1907 e 1914, Huntington, além de publicar uma série de artigos e ter sido eleito vice-presidente da AAG, em 1913, desenvolveu algumas das ideias fundamentais que se tornariam associadas ao seu pensamento, como a tese de que as mudanças climáticas não importariam apenas para a história natural, mas também para a história humana, e a hipótese de que existiria um “ótimo climático” para o homem que contribuiria para aumentar a sua “energia” e a sua “atividade” em termos de produção econômica e desenvolvimento civilizatório. Huntington fez uma nova expedição para o Oriente Médio em 1909, da qual resultaria o seu livro *Palestine and its Transformation*, de 1911, e participou de excursões pelo sudoeste dos EUA e pelo México entre 1910 e 1914, que serviriam de base empírica para a sua obra *Climatic Factors as Illustrated in Arid America*, de 1914 (Visher, 1948: 40). Ao final deste ano, Huntington se desligaria de Yale em virtude de sua insatisfação com o baixo status institucional que tinha na universidade, fato que o distinguia dos professores do quadro regular de ensino e pesquisa, e da má avaliação que a instituição fazia de seu desempenho em sala de aula. O autor, contudo, voltaria a trabalhar em Yale em 1919, conforme comentaremos adiante.
- 21 O período entre 1915 e 1919 é bastante importante na trajetória do autor. Ele publicou, em 1915, a primeira edição de *Civilization and Climate*, obra que depois seria ampliada e republicada em uma nova edição no ano de 1924. Nessa obra, Huntington oferece o primeiro desenvolvimento sistemático mais completo de sua teoria do processo civilizatório baseada na tríade composta por herança biológica, cultura e clima. Em 1919, o geógrafo publica *World Power and Evolution* que, em grande medida, resulta do impacto gerado pela Primeira Guerra Mundial em seu pensamento. Esse livro é uma tentativa de discutir as questões geopolíticas do poder mundial à luz da teoria evolucionista do processo civilizatório que havia sido desenvolvida em *Civilization and Climate*. A projeção da sua obra cresceu significativamente durante esses anos.
- 22 Huntington trabalhou, em 1918, junto ao exército estadunidense em Washington em decorrência da entrada do país, no ano anterior, na Primeira Guerra Mundial. Os serviços governamentais envolveram 52 geógrafos em vários órgãos. A contribuição do autor se deu na *Military Intelligence Division* (Martin, 1973: 146). Antes de trabalhar para o exército, o geógrafo já manifestava grande interesse em contribuir para o esforço de guerra, como atesta a sua correspondência com Davis em 1917, que era, à época, *chairman* do Comitê de Pesquisa do *National Research Council*:

(...) eu não me sinto incomodado sobre o futuro da geografia. Eu estou certo de que dentro de uma geração ou duas ela encontrará seu verdadeiro lugar, não meramente nas nossas escolas básicas, mas também nas nossas universidades e na vida da nação como um todo. Eu acredito, de longe, que a coisa mais importante a ser feita na ciência da geografia é uma grande série de estudos regionais que deve centrar-se em torno do homem.

(...) parece a mim que uma das melhores coisas que podemos fazer é auxiliar os oficiais e homens do nosso exército e marinha fornecendo um entendimento detalhado daquelas regiões onde há chance de conflito.<sup>6</sup>

- 23 Nesse período, mesmo estando desligado de suas atividades universitárias como professor, Huntington manteve conversas com representantes de Yale que acabariam levando à sua recontração para iniciar atividades no segundo semestre de 1919. Existem, em seu arquivo, cartas datadas de dezembro de 1916 trocadas entre o autor e um alto funcionário da instituição, que revelaram que, logo após a sua saída da universidade, Huntington continuou mantendo uma correspondência na qual discutia possibilidades de recontração.<sup>7</sup> Quando Huntington retornou a Yale, no outono de 1919, as circunstâncias financeiras criavam grande pressão sobre seu trabalho. Com a situação salarial insatisfatória que o afligia nos anos seguintes a seu retorno, o geógrafo dividia seu tempo entre a escrita de artigos, manuais paradidáticos e a realização de palestras para a sua manutenção financeira. A década de 1920 marcaria também uma redução significativa da presença de cursos de Geografia em Yale (Martin, 1973: 160-161). Esse declínio da disciplina na instituição contrastava com a consolidação, na década de 1920, da Geografia em outras instituições, como as universidades de Chicago, Clark, Wisconsin, Michigan e da Califórnia.
- 24 A década de 1920 foi também uma das mais produtivas em termos de publicações para a trajetória de Huntington. Nessa década, o geógrafo refinou a hipótese das variações climáticas em relação ao homem e elaborou sínteses mais desenvolvidas de sua teoria do processo civilizatório. Além de publicar, em 1924, a edição definitiva de *Civilization and Climate* e a obra dedicada a questões raciais *The Character of Races*, Huntington publicou *The Pulse of Progress* em 1926, *The Human Habitat* em 1927 e escreveu mais de 70 textos curtos, entre artigos e capítulos de livros. As preocupações com a filosofia da história, as filiações com ideias eugenistas e as posturas epistemológicas darwinistas sociais começaram a ficar bastante claras na obra do geógrafo a partir dessa década.
- 25 Huntington, ao atingir o auge da repercussão de seu trabalho, foi eleito presidente da AAG para o ano de 1924 e, em discurso presidencial proferido em dezembro de 1923, intitulado *Geography and Natural Selection*, dedicado a exemplificar algumas possibilidades de utilização do conceito darwiniano de “seleção natural” na disciplina, o geógrafo afirmou que:
- O ponto mais alto da geografia é alcançado quando nós somos capazes de explicar por que certos tipos de caráter humano, certas manifestações do intelecto e mesmo certas linhas de progresso e estágios de civilização são localizados em várias partes do mundo. (Huntington, 1924a: 1)
- 26 Esse período, especialmente os anos entre 1926 e 1929, também foi marcado pelas tentativas malsucedidas de Huntington para criar um departamento de Geografia em Yale que o levaram a entrar em conflito com a administração da instituição, conforme evidencia a correspondência do autor com J. R. Angell, então presidente da universidade. Huntington, além de expressar insatisfação com a situação marginalizada da Geografia em Yale, queixava-se de seu baixo status institucional na universidade

como um *Research Associate* e da impossibilidade de receber estudantes de outros países que gostariam de receber uma formação especificamente geográfica na instituição.<sup>8</sup>

- 27 Na década de 1930, Huntington publicou *Tomorrow's Children: The Goal of Eugenics* (1935) e *Seasons of Birth: Its Relation to Human Abilities* (1938), que são produtos diretos de sua adesão às ideias eugenistas. Essa adesão, em nosso entendimento, é um desdobramento das afinidades epistemológicas com o Darwinismo Social que o autor já mostrava desde o início de sua trajetória. O livro de 1935 é uma espécie de panfleto político no qual Huntington defende que a eugenia representa “a descoberta de que o homem é capaz de guiar a sua própria evolução”, e compara-a, em termos de importância evolucionária para a nossa espécie, às invenções das ferramentas, da fala, da escrita e da agricultura, além de sustentar que, em seu entendimento, ela seria a etapa mais avançada do processo evolutivo e, talvez, “a maior de todas” as invenções do espírito humano (Huntington, 1935: 103-104).
- 28 A ênfase no papel das diferenças biológicas inatas que, supostamente, determinariam o comportamento dos grupos raciais, a qual era endossada por muitos cientistas sociais estadunidenses no período, exerceu um grande peso sobre as posturas teóricas do geógrafo. O envolvimento com a eugenia o levou a ser presidente da *American Eugenics Society*, entre os anos 1934 e 1938, já no fim de sua vida. Após essa década, em 1945, dois anos antes de sua morte, Huntington publicou a sua obra derradeira, *Mainsprings of Civilization*, que sintetiza, de forma exaustiva, toda a teoria geográfica da civilização desenvolvida pelo autor desde o início do século XX.

## A Geografia Humana de Huntington: modelo triádico da civilização, pensamento racial e filosofia geográfica da história

- 29 Huntington publicou uma grande quantidade de obras. Em algumas dessas obras, a substância teórica da sua Geografia Humana e a sua filosofia da história são tratadas de forma mais sistemática e desenvolvida. Dentre essas contribuições, os maiores destaques são *Civilization and Climate*, que recebeu uma primeira edição em 1915 e uma terceira edição ampliada em 1924, *World Power and Evolution*, de 1919, *The Character of Races*, de 1924, e *Mainsprings of Civilization*, de 1945. O autor ficou conhecido por sua teoria geográfica da história, na qual propõe a tese de que o processo civilizatório é, invariavelmente, fruto de um amálgama entre as condições de herança biológica dos grupos raciais, a *favorabilidade* do ambiente físico (com ênfase no clima) e a cultura.
- 30 Em *Civilization and Climate*, livro publicado pela primeira vez em 1915, Huntington defende que a “nova ciência” da Geografia deveria ter como objetivo a comparação da distribuição de elementos físicos e orgânicos para determinar o quanto os fenômenos vitais dependem do ambiente geográfico. O geógrafo acredita que, entre os dados da realidade que devem ser mapeados, o “caráter humano tal como expresso na civilização” é um dos elementos cuja distribuição espacial mais necessita de explicações. Na cooperação desses vários fatores estaria a chave explicativa da distribuição espacial da civilização, cujo ponto mais alto, para a abordagem geográfica, seria a elucidação do “caráter” dos diversos povos e grupos humanos (Huntington, 1915: V).<sup>9</sup> A meta da Geografia, para Huntington, é amarrar a história natural com a história humana de modo a buscar uma explicação holística do processo civilizatório.

- 31 No prefácio à edição ampliada de *Civilization and Climate*, publicada em 1924,<sup>10</sup> ao sistematizar os pressupostos centrais que haviam delineado até então seu esforço intelectual, Huntington afirma que:

Na primeira edição a herança, o ambiente físico e a cultura eram reconhecidos como os três fatores principais na determinação da distribuição da civilização. O ambiente físico, é claro, foi tratado amplamente por ser o tema principal do livro. Suficiente foi dito sobre a cultura humana para mostrar que eu reconheço totalmente a sua importância, especialmente como uma explicação da diferença entre a América aborígine e o Velho Mundo. A herança, no entanto, foi negligenciada. Na edição presente recebe uma boa ênfase, especialmente no primeiro capítulo, que é quase inteiramente novo. (Huntington, 1924b: XVI)

- 32 E, no primeiro capítulo da mesma edição, explicita as duas linhas de investigação que compõem o seu objeto de pesquisa:

Esse livro foi escrito porque duas linhas recentes de investigação aparentemente se combinam para explicar ao menos parte das contradições que têm se mostrado tão enigmáticas até então. Em primeiro lugar, um estudo prolongado das variações climáticas do passado e do presente levou à conclusão de que o clima do passado foi diferente do presente (Huntington, 1924b: 5).

A segunda linha de investigação que originalmente levou à escrita desse livro foi um estudo das condições climáticas sob as quais os povos das raças europeias tiveram condições de realizar mais trabalho e ter mais saúde. Essa investigação levou à conclusão de que o princípio do ótimo climático se aplica ao homem tanto quanto às plantas e animais. De acordo com esse princípio, cada espécie viva tem a melhor saúde e é mais ativa sob certas condições definidas de temperatura, umidade, movimento dos ventos, nebulosidade, variabilidade e luz solar, ou, mais exatamente, sob certas combinações dessas condições. Qualquer distanciamento das condições ótimas leva a um decréscimo da atividade e da eficiência (Huntington, 1924b: 6).

- 33 Ao afirmar que a herança, o ambiente físico e a cultura são os “três fatores principais na determinação da distribuição da civilização”, Huntington está replicando, em grande medida, a problemática do estudo das relações entre organismos e ambiente que esteve no cerne das preocupações de pesquisa de Darwin e da Biologia do século XIX como um todo.<sup>11</sup> A transferência de características herdadas, tema clássico do debate darwinista, é pensada por Huntington tanto no sentido biológico como no sentido cultural e comportamental, o que posiciona, claramente, as suas posturas epistemológicas no quadro teórico do Darwinismo Social, corrente intelectual que se caracterizou por aplicar raciocínios evolucionistas e analogias organicistas para compreender não apenas o mundo natural, mas também elementos centrais para a vida social, como a religião, a razão e a divisão do trabalho.<sup>12</sup>
- 34 Essa corrente de pensamento também buscou hierarquizar os povos, culturas e grupos raciais. No caso da obra de Huntington, tal preocupação ficou bastante clara no mapa que o geógrafo elaborou em *Civilization and Climate*, no qual buscou, a partir de critérios pré-definidos,<sup>13</sup> hierarquizar, numa escala de 0 a 10, o “nível” de civilização das regiões do mundo e delimitar a existência de um “ótimo climático” que condicionaria o maior ou menor desenvolvimento civilizatório das partes do globo (Coscioni, 2020).
- 35 *World Power and Evolution*, livro publicado por Huntington em 1919, é, em certa medida, uma continuação de algumas questões tratadas na obra de 1915. O livro procura abordar a relação do ambiente físico com o que o autor chamou de “progresso humano” a partir de um enfoque temporal (Huntington, 1919: 7). Para além da questão do papel do ambiente no condicionamento do processo civilizatório, enfrentada pelo geógrafo na

- obra de 1915, o livro apresenta, como problemática fundamental, a tentativa de abordar as questões geopolíticas do poder mundial que emergiam ao final da Primeira Guerra Mundial à luz do esquema explicativo evolucionista que Huntington já vinha esboçando em suas obras anteriores. *World Power and Evolution* é uma peça de análise geopolítica conjuntural temperada com raciocínios temporais de largo escopo que visa inserir a análise da situação do poder mundial entre as nações do início do século XX no discurso teórico mais amplo do Darwinismo Social.
- 36 O grande destaque da obra é a análise, fortemente moldada pelo vocabulário evolucionista vago sobre “a saúde e a energia do povo” (Huntington, 1919: 227), que o autor faz do comportamento da Alemanha no conflito mundial, que teria, em sua leitura, determinações raciais, biológicas e climáticas, que seriam fundamentais para a psicologia coletiva beligerante do país europeu. Tal análise lhe rendeu a reprimenda de um coronel do exército estadunidense, que julgou que Huntington teria comparado muito favoravelmente a Alemanha às potências vitoriosas no conflito<sup>14</sup> e tentou censurar alguns trechos da obra.
- 37 O outro livro importante publicado pelo autor nesse período, intitulado *The Character of Races*, de 1924, é, provavelmente, a sua intervenção mais explícita no debate racial. Durante a década de 1920, a sociedade estadunidense passava por um recrudescimento das tensões raciais. No campo intelectual, havia uma discussão sobre as supostas características “inatas” que determinariam o comportamento dos diversos grupos étnicos que viviam no país, além de uma importante querela epistemológica entre as abordagens naturalistas e biologizantes para a explicação do comportamento humano, que estiveram frequentemente associadas às teses racistas da eugenia, e as abordagens culturalistas focadas no papel do processo de socialização que marcaram, especialmente, as posições dos antropólogos *boasianos*. Essa disputa teórica foi intensificada pelo grande prestígio do qual as ideias evolucionistas desfrutaram nos EUA nesse período (Cravens, 1988; Degler, 1991).
- 38 O objetivo do autor, nessa obra, é aplicar o conceito darwiniano de “seleção natural” para demonstrar como esse processo, junto com a influência do clima, pode contribuir para modificar o que o geógrafo chama de “caráter humano” (Huntington, 1924c: IV).<sup>15</sup> Huntington procura investigar as relações existentes entre migração, mistura racial e seleção natural e descobrir como esses três processos contribuem para promover a ascensão do “caráter” das raças (Huntington, 1924c: 7). Os princípios teóricos da abordagem darwinista são aplicados pelo autor para compreender as diferenças de psicologia coletiva – que ele, recorrentemente, chama de “caráter racial” – entre os povos e grupos étnicos em geral, pois, em sua leitura, o homem está sujeito às mesmas leis de herança que os animais “tanto fisicamente quanto mentalmente” (Huntington, 1924c: 19).
- 39 Ao mesmo tempo em que recorre ao inatismo racial típico do pensamento de alguns eruditos do século XIX,<sup>16</sup> o geógrafo faz, no livro, referência aos processos históricos e culturais, defendendo, portanto, uma abordagem híbrida, que ora recorre à autonomia dos elementos socioculturais na gênese das diferenças entre os grupos humanos, ora ao determinismo racial das leis de herança biológica, em uma série de capítulos com estudos específicos sobre diversos grupos nacionais e raciais como os chineses, os judeus, os estadunidenses, as raças europeias, entre outros.
- 40 A última obra de Huntington, *Mainsprings of Civilization*, publicada em 1945, momento no qual a força das concepções naturalistas e darwinistas nas Ciências Humanas

estadunidenses já havia enfraquecido significativamente, é uma síntese exaustiva de sua teoria do processo civilizatório. O livro, que tem mais de 600 páginas, compila todas as hipóteses sobre a relação entre a evolução orgânica e cultural, a hereditariedade e o ambiente físico que o geógrafo desenvolveu ao longo de sua trajetória e as justapõe com meticulosos estudos de caso que ilustram as suas concepções teóricas mais gerais.

- 41 Huntington, nesse livro, suaviza as teses racistas expostas em obras como *The Character of Races* e nos seus livros de divulgação eugenista quando alega ser cético em relação ao mito da superioridade nórdica e defende que a herança biológica dos indivíduos tenha proeminência explicativa em relação à raça dos grupos; contudo, fica bastante claro que a crença na existência de povos mais e menos avançados e na determinação biológica de certos traços culturais dos grupos humanos – em oposição direta às posições dos antropólogos *boasianos* – que marcou toda a sua obra, ainda era endossada no escrito de 1945.
- 42 Um aspecto do livro que merece atenção é a refinada discussão sobre o conceito de civilização que Huntington traz. Refletindo sobre o significado desse conceito, o autor diz que:

É difícil dar uma definição precisa da civilização, determinar o ponto exato no qual a cultura humana passou do barbarismo para a civilização. Tal definição nem é necessária para os propósitos desse livro. Todo mundo reconhece que em algumas partes do mundo as pessoas são selvagens, enquanto que em outras elas têm uma forma atrasada de civilização. Nós mesmos afirmamos ser altamente civilizados, mas, daqui a mil anos, nossos métodos atuais de guerra, de exploração humana, de perda de recursos preciosos e a falta de planejamento familiar indubitavelmente serão considerados bárbaros. Em geral, pode ser dito que a civilização começa quando as pessoas aprendem a praticar a agricultura, vivem em comunidades permanentes, estabelecem uma forma definida de governo e adquirem a arte da escrita. A civilização, portanto, é um processo assim como uma condição. É um processo de tornar pessoas civilizadas. Se a civilização é uma coisa boa, os selvagens precisam do processo para que eles possuam a condição. Nós possuímos a condição, mas precisamos de mais do processo com o objetivo, por exemplo, de nos livrarmos da guerra. Em outras palavras, embora nós vivamos em certo estágio de civilização, existem inumeráveis estágios abaixo de nós e acima de nós. É difícil saber onde eles começam e nenhum homem sabe onde eles irão terminar. (Huntington, 1959 [1945]: 14-15)

- 43 Após essa digressão, Huntington afirma, categoricamente, que o “fato supremo da história” é a “marcha persistente adiante através de umas poucas linhas fundamentais” (Huntington, 1959[1945]: 15). O geógrafo acredita que a ação das “molas fundamentais” da civilização – a hereditariedade, o ambiente e a cultura – implicaria na inevitabilidade de uma marcha ascendente. Esse aspecto de sua teoria, conforme notado pelo geógrafo Oskar Spate, o aproxima do trabalho do influente historiador britânico Arnold Toynbee (1889-1975), em sua monumental obra *A Study of History*, cujos doze volumes começaram a aparecer em 1934 e se prolongaram até 1961. Para Spate, tanto Huntington em sua obra derradeira quanto Toynbee em seus extensos volumes tinham como preocupação intelectual fundamental a tentativa de traçar um padrão na história (Spate, 1952: 406).
- 44 Toynbee foi uma das influências intelectuais tardias de Huntington, como é possível constatar por uma carta que o geógrafo escreveu para o historiador em 1947, seu último ano de vida, na qual, ao comentar sobre as relações entre as questões tratadas em *Mainsprings of Civilization* e a obra de Toynbee, disse ter sido “grandemente estimulado” por seu trabalho. Para Huntington, Toynbee está “absolutamente correto ao dizer que,

à medida que a civilização progride, a importância relativa dos fatores puramente físicos se torna menor por causa da grande acumulação de bagagem cultural”. Contudo, apesar dessa concordância e da afinidade que os dois nutriam em sua preocupação mútua de buscar padrões de longa duração temporal, parece, ao geógrafo, que o britânico teria esquecido “a parte física muito completamente” em sua consideração da história.<sup>17</sup>

## Considerações Finais

- 45 Os esforços intelectuais de Huntington são característicos de um período histórico do pensamento geográfico em que tentativas mais holísticas de formalização teórica, que buscavam situar a Geografia numa problemática mais ampla de elaboração de uma filosofia da história em bases ambientais, conviviam com a tensão gerada pelo incremento da divisão do trabalho intelectual. No caso dos EUA, havia, no início do século XX, período de expansão institucional da Geografia nas universidades do país, poucas tentativas de sistematização teórica da disciplina, o que distingue claramente a originalidade do pensamento de Huntington em seu contexto nacional de inserção. A vastíssima correspondência que o autor manteve com outros geógrafos, com cientistas sociais e naturais e com associações de eugenia e controle populacional, presente em seu arquivo, os *Huntington Papers*, que são mantidos pela Universidade de Yale, é uma evidência importante do grau de circulação que as suas ideias tiveram.
- 46 A Geografia Humana de Huntington é uma busca abrangente pela compreensão da distribuição espacial do homem na superfície terrestre amparada por sua consideração integrada da relação entre herança racial, ambiente e cultura. O autor, ao mesmo tempo em que herdou uma tradição especificamente geográfica de estudo da relação homem-meio, também procurou situar metodologicamente a disciplina numa abordagem evolucionista baseada na apropriação da discussão da relação entre organismo-ambiente (que foi central nos debates darwinistas da Biologia da segunda metade do século XIX) para fundamentar a sua reflexão da Geografia Humana como uma disciplina que, em última instância, teria, em sua leitura, o papel de explicar a distribuição espacial do “caráter” dos povos no mundo, o que evidencia a influência que sofreu de algumas problemáticas próprias ao pensamento racial.

---

## BIBLIOGRAFIA

Banton, Michael (2010 [1977]). *A Ideia de Raça*. Lisboa: Edições 70.

Barrows, Harlan (1923). “Geography as Human Ecology”. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 13, n. 1, pp. 1-14.

Berdoulay, Vincent (2003 [1981]). “A Abordagem Contextual”. *Espaço e Cultura*, n. 16, Rio de Janeiro, UERJ, pp. 47-56.

- Brigham, Albert Perry (1915). "Problems of Geographic Influence". *Annals of the Association of American Geographers*, v. 5, n. 1, pp. 3-25.
- Campbell, J. A.; Livingstone, David (1982). "Neo-Lamarckism and the Development of Geography in the United States and Great Britain". *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 8, n. 3, pp. 267-294.
- Capel, Horacio (1981). *Filosofía y ciencia em la Geografía contemporánea*. Barcelona: Barcanova.
- Coscioni, Fernando José (2020). "Ellsworth Huntington: considerações sobre a correspondência referente ao mapa de distribuição da civilização da obra *Civilization and Climate*". *GEOUSP: espaço e tempo*, v. 24, n. 1, pp. 51-68.
- Cravens, Hamilton (1988). *The Triumph of Evolution, The Heredity Environment Controversy 1900-1941*. John Hopkins University Press: Baltimore/London.
- Degler, Carl (1991). *In Search of Human Nature, The Decline and Revival of Darwinism in American Social Thought*. New York/Oxford: Oxford University Press.
- Dosse, François (2007). *La Marcha de Las Ideas - Historia de los intelectuales, Historia Intelectual*. València, Universitat de València.
- Dryer, Charles (1920). "The Development of Geographic Sense and Concept". *Annals of the Association of American Geographers*, v. 10, n. 1, pp. 3-16.
- Fenneman, Nevin (1919). "The Circumference of Geography". *Geographical Review*, v. 7, n. 3, pp. 168-175.
- Hawkins, Mike (1998). *Social Darwinism in European and American Thought (1860-1945)*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Herbst, Jurgen (1961). "Social Darwinism and the History of American Geography". *Proceedings of the American Philosophical Society*, v. 105, n. 6, pp. 538-544.
- Hobsbawn, Eric. *Era dos Impérios (1875-1914)* (2010 [1988]). São Paulo: Paz e Terra.
- Hofstadter, Richard (1992[1955]). *Social Darwinism in American Thought*. Boston: Beacon Press.
- Huntington, Ellsworth (1906). "The Rivers of Chinese Turkestan and the Dessication of Asia". *The Geographical Journal*, v. 28, n. 4, pp. 353-367.
- Huntington, Ellsworth (1906). "The Vale of Kashmir". *Bulletin of the American Geographical Society*, v. 38, n. 11, pp. 657-682.
- Huntington, Ellsworth (1906). "The Border Belts of the Tarim Basin". *Bulletin of the American Geographical Society*, v. 38, n. 2, pp. 91-96.
- Huntington, Ellsworth (1907). *The Pulse of Asia*. Boston and New York: Houghton Mifflin Company.
- Huntington, Ellsworth (1915). *Civilization and Climate*. New Haven: Yale University Press.
- Huntington, Ellsworth (1919). *World Power and Evolution*. New Haven: Yale University Press.
- Huntington, Ellsworth (1924a). "Geography and Natural Selection, A Preliminary Study of the Origin and Development of Racial Character". *Annals of the Association of American Geographers*, v. 14, n.1, pp. 1-16.
- Huntington, Ellsworth (1924b). *Civilization and Climate*. New Haven: Yale University Press, Third Edition.
- Huntington, Ellsworth (1924c). *The Character of Races*. New Haven: Yale University Press.

- Huntington, Ellsworth (1935) *Tomorrow's Children: The Goal of Eugenics*. New York: John Wiley & Sons Inc., London, Chapman & Hall Limited.
- Huntington, Ellsworth (1959[1945]). *Mainsprings of Civilization*. New York: Mentor Books /The New American Library.
- Livingstone, David (2008 [1992]). *The Geographical Tradition*. Malden/Oxford: Blackwell Publishing.
- Martin, Geoffrey (1973). *Ellsworth Huntington, His Life and Thought*. Hamden: Archon Book.
- Martin, Geoffrey (2005). *All Possible Worlds, a History of Geographical Ideas*. New York/Oxford: Oxford University Press.
- Martin, Geoffrey (2015). *American Geography and Geographers, Toward Geographical Science*. New York: Oxford University Press.
- Pattison, William (1981). "Rollin Salisbury and the Establishment of Geography at the University of Chicago". In: Blouet, Bria (org.) *Origins of Academic Geography in the United States*, Archon Book, Hamden.
- Peet, Richard (1985). "Social Origins of Environmental Determinism". *Annals of the Association of American Geographers*, v. 75, n. 3, pp. 309-333.
- Schulten, Susan (2001). *The Geographical Imagination in America (1880-1950)*. Chicago: University of Chicago Press.
- Semple, Ellen (1911). *Influences of Geographic Environment, on the Basis of Ratzel's System of Anthropo-Geography*. New York: Henry Holt and Company; London, Constable & Company Ltd.
- Spatz, O. H. K (1952). "Toynbee and Huntington: A Study in Determinism". *The Geographical Journal*, v. 118, n. 4, pp. 406-424.
- Stoddart, David (1966). "Darwin's Impact on Geography". *Annals of the Association of American Geographers*, v. 56, n. 4, pp. 683-698.
- Stoddart, David (1981). "Darwin's Influence in the Development of Geography in the United States, 1859-1914". In: Blouet, Brian (org.) *The Origins of Academic Geography in the United States*, Hamden: Archon Books, pp. 265-278.
- Visher, S. S (1948). "Memoir to Ellsworth Huntington, 1876-1947". *Annals of the Association of American Geographers*, v. 38, n. 1, pp. 38-50.
- Whitbeck, Ray (1919). "Geography in American and European Universities". *Journal of Geography*, v. 18, n. 4, pp. 129-141.

## ANEXOS

### **Documentos (Huntington Papers) – Consultados na Sterling Memorial Library da Universidade de Yale**

Carta de Anson Phelps Stokes a Ellsworth Huntington, 5 de dezembro de 1916.

Huntington Papers, Series III, Box 36, Folder 889.

Carta de Ellsworth Huntington a Anson Phelps Stokes, 11 de dezembro de 1916.

Huntington Papers, Series III, Box 36, Folder 889.

Carta de Ellsworth Huntington a W. M. Davis, 4 de Abril de 1917. Huntington Papers,

Series III, Box 37, Folder 909.

Memorando do Coronel John M. Dunn a Ellsworth Huntington, 23 de dezembro de 1918. Huntington Papers, Series V, Box 44, Folder 331.

Carta de Ellsworth Huntington a J. R. Angell, 22 de outubro de 1927. Huntington Papers, Series III, Box 58, Folder 2047.

Carta de Ellsworth Huntington a Arnold Toynbee, 9 de abril de 1947. Huntington Papers, Series III, Box 100, Folder 4295.

### **Bibliografia selecionada de Ellsworth Huntington**

Huntington publicou dezenas de livros e inúmeros artigos que envolvem não apenas a Geografia Humana, mas também temas de Climatologia, subdisciplina na qual era um grande especialista. As suas contribuições de maior interesse e relevância são, na nossa avaliação, as obras nas quais as suas posturas epistemológicas sobre o papel da Geografia enquanto disciplina específica e a sua teoria geográfica do processo civilizatório são expostas de maneira mais sistemática. Entre essas obras, os maiores destaques são *Civilization and Climate* (1915/1924), *World Power and Evolution* (1919) e *Mainsprings of Civilization* (1945). Em relação à intervenção do geógrafo no debate racial, uma das exposições mais importantes está em *The Character of Races* (1924), conforme já mencionado. A respeito dos aspectos institucionais e biobibliográficos da sua trajetória, vale consultar a detalhada biografia intitulada *Ellsworth Huntington - his life and thought* (1973), de Geoffrey Martin, pesquisador que tem uma vasta obra dedicada à história da Geografia estadunidense.

## NOTAS

1. Para uma introdução aos debates da História Intelectual, ver Dosse (2007).
2. A expressão é de Hobsbawm (2010 [1988]).
3. A esse respeito, ver Livingstone (2008 [1992]), Martin (2005; 2015) e Schulten (2001).
4. Dentre esses artigos estão: Huntington, Ellsworth (1906). *The Rivers of Chinese Turkestan and the Dessication of Asia*. *The Geographical Journal*, Vol. 28, No. 4, pp. 353-367; Huntington, Ellsworth (1906). *The Vale of Kashmir*. *Bulletin of the American Geographical Society*, Vol. 38, No. 11, pp. 657-682; Huntington, Ellsworth (1906). *The Border Belts of the Tarim Basin*. *Bulletin of the American Geographical Society*, Vol. 38, No. 2, pp. 91-96.
5. Carta de W.M. Davis a Ellsworth Huntington, 15 de abril de 1906. Huntington Papers, Series III, Box 25, Folder 389.
6. Carta de Ellsworth Huntington a W. M. Davis, 4 de Abril de 1917. Huntington Papers, Series III, Box 37, Folder 909.
7. Carta de Anson Phelps Stokes a Ellsworth Huntington, 5 de dezembro de 1916. Huntington Papers, Series III, Box 36, Folder 889.  
Carta de Ellsworth Huntington a Anson Phelps Stokes, 11 de dezembro de 1916. Huntington Papers, Series III, Box 36, Folder 889.
8. Carta de Ellsworth Huntington a J. R. Angell, 22 de outubro de 1927. Huntington Papers, Series III, Box 58, Folder 2047.
9. Nas citações de *Civilization and Climate* nas edições de 1915 e 1924 os números romanos indicam a paginação dos prefácios – que é diferente da paginação do restante dos livros.
10. A edição de 1915 tem 13 capítulos, enquanto a edição de 1924 possui 18, incluindo, por exemplo, um capítulo com estudos de caso sobre a Austrália e a América aborígine, que não consta na primeira edição, e uma versão estendida do primeiro capítulo, que possui uma longa

digressão sobre a problemática racial, a seleção natural e a operação desses elementos na história da civilização, que está ausente da edição de 1915.

11. Uma série de autores discutiram as intrincadas relações existentes entre as ideias darwinistas e a fundamentação epistemológica da Geografia de língua inglesa no início do século XX, como são os casos de Herbst (1961) Stoddart (1966; 1981), Campbell e Livingstone (1982) e Peet (1985).

12. A esse respeito, consultar as análises exaustivas de Hawkins (1998) e Hofstadter (1992 [1955]) sobre a história intelectual do Darwinismo Social. Para uma tentativa de interpretação mais minuciosa das relações entre as posturas teóricas de Huntington e o quadro epistemológico darwinista social, ver Coscioni (2020).

13. Dentre os quais estão expressões altamente subjetivas e etnocêntricas como: “poder de iniciativa”, “poder de autocontrole”, “capacidade de formular novas ideias”, “altos padrões de honestidade e moralidade” e “poder para liderar e controlar outras raças” (Huntington, 1924b: 241-242).

14. Memorando do Coronel John M. Dunn a Ellsworth Huntington, 23 de dezembro de 1918. Huntington Papers, Series V, Box 44, Folder 331.

15. Obs. a paginação em números romanos refere-se à paginação do prefácio que difere da paginação do restante da obra.

16. Que representam uma corrente de ideias que Michael Banton denomina de “tipologia racial” (Banton, 2010 [1977]:21).

17. Carta de Ellsworth Huntington a Arnold Toynbee, 9 de abril de 1947. Huntington Papers, Series III, Box 100, Folder 4295.

---

## RESUMOS

O artigo busca trazer um panorama de alguns aspectos da trajetória e da produção intelectual de Ellsworth Huntington (1876-1947), um dos mais importantes autores da Geografia estadunidense das primeiras décadas do século XX. Será oferecido, inicialmente, um breve quadro da institucionalização acadêmica da disciplina nos EUA, no qual a contribuição de Huntington se insere. A seguir, trataremos de alguns aspectos biobibliográficos e institucionais da trajetória do geógrafo. Na última parte, apresentaremos as principais questões epistemológicas presentes nas obras do autor que possuem maior substância teórica para a delimitação do objeto de estudo da Geografia Humana com vistas a discutir a sua concepção da disciplina como uma forma de estudo da civilização e a originalidade da sua teoria geográfica da história.

The article seeks to provide an overview of some aspects of the trajectory and the intellectual production of Ellsworth Huntington (1876-1947), one of the most important authors of American Geography in the first decades of the 20th century. Initially, a brief overview of the academic institutionalization of the discipline in which Huntington's contribution is inserted will be offered. Next, we will deal with some biobibliographical and institutional aspects of the geographer's trajectory. In the last part, we will present the main epistemological questions treated in the author's works that have greater theoretical substance for the delimitation of the subject of study of Human Geography in order to discuss his conception of the discipline as a way of studying civilization and the originality of his geographic theory of history.

L'article cherche à donner un bilan de certains aspects de la trajectoire et de la production intellectuelle d'Ellsworth Huntington (1876-1947), l'un des auteurs les plus importants de la géographie américaine dans les premières décennies du 20e siècle. Premièrement, un bref aperçu du processus d'institutionnalisation académique de la discipline aux États-Unis sera offert, dans lequel la contribution de Huntington est insérée. Ensuite, nous traiterons de certains aspects biobibliographiques et institutionnels de la trajectoire du géographe. Dans la dernière partie, nous présenterons les principales questions épistémologiques présentes dans les travaux de l'auteur qui ont une plus grande substance théorique pour la délimitation de l'objet d'étude de la Géographie Humaine afin de discuter de sa conception de la discipline comme un moyen d'étudier la civilisation et l'originalité de son théorie géographique de l'histoire.

El artículo busca ofrecer una visión general de algunos aspectos de la trayectoria y de la producción intelectual de Ellsworth Huntington (1876-1947), uno de los autores más importantes de la geografía estadounidense de las primeras décadas del siglo XX. Inicialmente, se ofrecerá una breve descripción de la institucionalización académica de la disciplina en los EEUU en el que se inserta la contribución de Huntington. A continuación, trataremos de algunos aspectos biobibliográficos y institucionales de la trayectoria del geógrafo. En la última parte, presentaremos las principales preguntas epistemológicas presentes en las obras del autor que tienen mayor contenido teórico para la delimitación del objeto de estudio de la Geografía Humana con el fin de discutir su concepción de la disciplina como una forma de estudiar la civilización y la originalidad de su teoría geográfica de la historia.

## ÍNDICE

**Índice geográfico:** Estados Unidos

**Índice cronológico:** 1876-1947

**Mots-clés:** Ellsworth Huntington, histoire de la géographie, géographie humaine aux États-Unis, civilisation, théorie géographique de l'histoire

**Palabras claves:** Ellsworth Huntington, historia de la geografía, geografía humana en Estados Unidos, civilización, teoría geográfica de la historia

**Keywords:** Ellsworth Huntington, history of geography, human geography in the United States, civilization, geographic theory of history

**Palavras-chave:** Ellsworth Huntington, história da geografia, geografia humana nos Estados Unidos, civilização, teoria geográfica da história

## AUTOR

**FERNANDO JOSÉ COSCIONI**

Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP)